BF | BLOG DA FEIRA

André Pomponet

TERÇA-FEIRA, 30 DE MARÇO DE 2021 / PUBLICADO EM COLUNISTAS, HOME

O Brasil atual nas páginas de “Memórias do Cárcere”

“Tudo se desarticulava, sombrio pessimismo anuviava as almas, tínhamos a impressão de viver numa bárbara colônia alemã. Pior: numa colônia italiana. Mussolini era um grande homem […]. Uma beatice exagerada queimava incenso defumando letras e artes corrompidas, e a crítica policial farejava quadros e poemas, entrava nas escolas, denunciava extremismos”.

Não, não fui pescar a frase acima em nenhum autor contemporâneo. É que a frase parece se referir à trajetória do Brasil desde, pelo menos, 2016. Até mesmo a alusão a Mussolini não parece deslocada no tempo. Quem lê tem a sensação de que, adiante, vai se deparar com referências à “escola sem partido” ou às invasões e censura a exposições artísticas realizadas há pouco tempo. Mas não. Vamos adiante:

“Um professor era chamado à delegacia: – ‘Esse negócio de africanismo é conversa. O senhor quer inimizar os pretos com a autoridade constituída’”.

Vá lá que os professores ainda não começaram a ser intimados às delegacias. Pelo menos por enquanto. Mas já são hostilizados, ofendidos e taxados de “comunistas” por aloprados, cuja pouca inteligência é erodida pelo fanatismo. Mais adiante um pouco:

“O Congresso apavorava-se, largava bambo as leis do arrocho – e vivíamos de fato numa ditadura sem freio. Esmorecida a resistência, dissolvidos os últimos comícios […] escritores e jornalistas a desdizer-se, a gaguejar, todas as poltronices a inclinar-se para a direita, quase nada poderíamos fazer perdidos na multidão de carneiros”.

Aí já parece a descrição do futuro que lunáticos, mentecaptos, aloprados, ressentidos e muitos espertalhões almejam desde sempre. Não que já não haja leis draconianas sendo aprovadas, nem profissionais da imprensa intimidados. Também não é preciso mencionar a mansidão dos carneiros que está aí, à vista de quem quiser ver.

Há também projetos para a cultura que já se insinuaram, mas que, por enquanto, permanecem como meros esboços. É o que trecho seguinte parece descrever:

“A literatura fugia da Terra, andava num ambiente de sonho e loucura, convencional, copiava figurinos estranhos, exibia mamulengos que os leitores recebiam com bocejos e indivíduos sagazes elogiavam demais. O romance abandonava o palavrão, adquiria boas maneiras, tentava comover as datilógrafas e as mocinhas”.

Quem escreveu essas palavras que um desatento consideraria proféticas? Graciliano Ramos, o genial escritor alagoano que nos legou “Memórias do Cárcere”. As frases acima foram extraídas do primeiro volume da obra. Nele, o autor descreve sua experiência por prisões de Maceió, do Recife e do Rio de Janeiro em 1936. Naquela época, Getúlio Vargas costurava o golpe que viria à tona no ano seguinte. Mas já empregava, largamente, recursos típicos de regimes de exceção.

Hoje, o triste Brasil parece se inclinar para mais uma catastrófica aventura do gênero, conduzida por mais um ridículo candidato a tirano. Seria muito bom descrever, aqui, as expectativas em relação à Semana Santa, mesmo com as restrições impostas pela pandemia. Mas não há clima para isso, porque o noticiário nacional é alarmante.

O que nos resta? Ler Graciliano, aprender com Graciliano…

Sobre | Últimos Posts

Últimos posts por André Pomponet (exibir todos)

Quando as imagens disparam o gatilho das metáforas - 26/04/2021
Feira no macabro Top 10 mundial dos homicídios em 2020 - 23/04/2021
Bate-papo casual com um eleitor de Bolsonaro - 22/04/2021

Compartilhar:

WhatsApp | Facebook | Twitter | Telegram | LinkedIn

Privatiza que otimiza: a sabedoria liberaloide nas mídias sociais
07/02/2021

Não gaste seu latim me mandando ficar em casa
04/04/2021

A gênese dos acólitos do “mito” em quatro frases
28/03/2021

Blog da Feira: Jornal de Notícias de Feira de Santana

© 2020 Janio Costa Rego Comunicações - Todos os direitos reservados